

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA

A NOÇÃO DE FELICIDADE NAS *CONFISSÕES*
DE AGOSTINHO DE HIPONA

FABIO APARICIO DA SILVA – 112058076

NITERÓI
2017

FABIO APARICIO DA SILVA

A NOÇÃO DE FELICIDADE NAS *CONFISSÕES*
DE AGOSTINHO DE HIPONA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia da Universidade Federal
Fluminense de Niterói como requisito à
obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sergio Faitanin.

NITERÓI
2017

FABIO APARICIO DA SILVA

A NOÇÃO DE FELICIDADE NAS *CONFISSÕES*
DE AGOSTINHO DE HIPONA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia da Universidade Federal
Fluminense de Niterói como requisito à
obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Aprovada em de de 2017.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. PAULO SERGIO FAITANIN - UFF
ORIENTADOR

PROF. DR. FERNANDO JOSÉ FAGUNDES RIBEIRO - UFF
EXAMINADOR

PROF. ME. ANTÔNIO AMARAL SERRA - UFF
EXAMINADOR

NITERÓI

2017

EPÍGRAFE

"Há certos homens — certamente não filósofos, pois sempre prontos a discordar—que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel-prazer. Mas tal é falso, de todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres, do que por ambicionar obter algo inconveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens"

Cícero

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a Deus por nunca me desamparar e ser a minha luz e meu alento e aos meus pais por sempre me incentivarem para que eu nunca desista dos meus objetivos.

Agradeço a todos que estiveram por todos esses anos comigo na UFF dividindo alegrias, dúvidas, risadas e tensões. Em especial às minhas amigas Sanidei Aparecida Monteiro Nogueira e Sueli de Oliveira Castro por todas as conversas, almoços, carinho, cumplicidade e o grande apoio que me deram para enfrentar minhas dificuldades, além do incentivo para a realização deste trabalho.

Ao meu amigo José Paulo Monteiro que, na medida do possível, sempre esteve presente me incentivando a me dedicar aos estudos e também por iluminar o meu caminho em um momento em que mais precisei.

Minha gratidão ao grande professor Paulo Sergio Faitanin por compartilhar todo seu conhecimento e que gentilmente aceitou me orientar neste trabalho final.

A todos que me ajudaram de alguma forma na conclusão deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar e analisar a noção de felicidade e como ela aparece no contexto da obra *Confissões* de Agostinho de Hipona. Desde a Antiguidade, a felicidade é tema de interesse dos filósofos, por ser aquilo que todos os homens buscam. A falta de conhecimento de si mesmo pode atrapalhar nessa busca, além do desconhecimento da origem dessa felicidade, pois há diversas concepções de felicidade, que variam de acordo com a vida da pessoa e o meio em que ela vive.

Para alcançarmos o objetivo da monografia, em um primeiro momento, será abordada uma visão da vida de Agostinho e sua busca incansável pela felicidade. Será desenvolvido o contexto das *Confissões*, sua importância para a Idade Média e para os dias atuais, mostrando o que levou Agostinho a abdicar de sua vida de excessos e ir à busca da verdadeira felicidade.

No segundo capítulo, a monografia situará historicamente os influenciadores do pensamento de Agostinho. Para que haja uma base de entendimento ao pensamento de Agostinho, serão estabelecidas as principais ideias e fundamentos em relação a felicidade por parte de seus influenciadores. Será também apresentado como Agostinho procurou a felicidade e de que forma ele enfim a obteve.

Será atentado ainda a importância do pensamento de Agostinho para o tema felicidade, e como a sua definição de felicidade difere da noção da sociedade contemporânea, fazendo-nos nos perguntar se somos de fato felizes.

Palavras-chave: Felicidade, Agostinho, *Confissões*, Antiguidade, Medieval.

ABSTRACT

This final paper intends to presents and analyzes the perception of happiness and how it presents in the context of Augustine of Hippo's *Confessions* work. Since Antiquity, happiness is a theme of interest for the philosophers, being what every man seeks. The lack of self-knowledge can discourage this search, in addition to unfamiliarity of the happiness source, because there are many conceptions of happiness, which differs according the person's lifestyle and its environment.

To achieve our objective, in the first moment, a vision of Augustine's life will be approached, and his restless search of happiness. The context of *Confessions* will be developed, its importance to Middle Age and at the present time, showing what led Augustine to abdicate his excesses life and seeking the truly happiness.

On the second chapter, this work will historically situate the influencers of Augustine's thought. In order to have a basis for understanding Augustine's thought, the main ideas and foundations regarding happiness on the part of his influencers will be established. It will also be presented how Augustine sought happiness and how he obtained it at last. Thus will be attempted the importance of Augustine's thought for the happiness theme, and how his definition of happiness differs from the notion of contemporary society, making us wonder if we are indeed happy.

Keywords: Happiness, Augustine, *Confessions*, Antiquity, Medieval.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 – Agostinho Confessa	11
1. A vida e a obra de Agostinho	11
1.1. A vida de Agostinho	11
1.2. A obra de Agostinho	13
2. Contexto das <i>Confissões</i>	15
Capítulo 2 – A Felicidade para Agostinho de Hipona	17
1. O conceito de felicidade Greco-cristão	17
1.1. A felicidade em Platão	18
1.2. A felicidade em Plotino	19
1.3. A felicidade em Ambrósio	20
2. A felicidade para Agostinho de Hipona	21
2.1. A felicidade nas <i>Confissões</i>	21
2.2. A felicidade em <i>Sobre a Vida Feliz</i>	24
3. Breve análise do conceito felicidade em Agostinho	26
Considerações Finais	29
Referências	31

Introdução

O presente trabalho de Conclusão de Curso tem por intenção apresentar a noção de felicidade em Agostinho de Hipona, mais precisamente em sua obra *Confissões*¹. Escrita aproximadamente no ano 397, a obra é uma autobiografia de Agostinho, composta por 13 livros, onde é contada a vida de Agostinho da infância à sua conversão, e discute temas como a memória, felicidade, prazeres dos sentidos, curiosidades, natureza do tempo, criação do céu e da terra e os seis dias da criação. A obra se trata de uma confissão a Deus e aos homens, reconhecendo a Sua misericórdia, que lhe concedeu o perdão e a graça da conversão.

Agostinho, em sua inquietude, busca por algo que seja permanente, e após passar por seitas como o maniqueísmo e o estudo de autores neoplatonistas, enquanto meditava, escuta um coro infantil o incitando a tomar e ler a epístola do Apóstolo Paulo, o que fez com que todas suas inquietudes cessassem. Ainda leciona retórica por duas semanas até entregar a cátedra de professor de retórica em Milão e desfaz seu matrimônio para se dedicar exclusivamente a Deus. Retira-se para um retiro em Cassiciaco, onde forma um grupo de estudos, diálogos e orações, para se preparar para o batismo. Deste retiro originaram-se diálogos como *Sobre a Vida Feliz*².

Assim, no primeiro capítulo, será apresentado o contexto de vida de Agostinho, suas obras e o contexto histórico das *Confissões*. No segundo capítulo, serão apresentadas as principais vertentes de pensamento influenciadoras de Agostinho. Serão estabelecidas suas ideias para o entendimento ao pensamento de Agostinho. Ainda no segundo capítulo, será apresentada a ideia que Agostinho chegou sobre a felicidade através de sua confissão a Deus.

Por meio das *Confissões*, Agostinho confessa seus pecados e reconhece que sua felicidade está em Deus, que é a verdade absoluta. No diálogo *Sobre a Vida Feliz*, Agostinho argumenta na companhia de sua mãe e seus amigos de que forma conquistamos essa felicidade. Sendo o homem composto de corpo e alma, eles chegam a conclusão de que para que o corpo seja forte, ele precisa de alimentos, e o alimento para a alma é a sabedoria.

¹ AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção Patrística 10. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante; São Paulo: Paulus, 1997.

² AGOSTINHO. *Solilóquios ; A vida feliz*. – A Vida Feliz. Coleção Patrística 11. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.

Através da fé e da comunhão com a Trindade, a alma encontra a felicidade. Conduzidos até Deus, obtemos a verdade, tornando a alma plena, livre de perturbações.

Em seus momentos finais, a monografia ainda atentará sobre a importância do pensamento de Agostinho para o tema felicidade, e como a sua definição de felicidade difere da noção da sociedade contemporânea, fazendo-nos pensar se realmente somos felizes.

Capítulo 1 – Agostinho Confessa

1. A Vida e a Obra de Agostinho

1.1 A vida de Agostinho

Aurelius Augustinus, nascido no dia 13 de Novembro do ano de 354, em Tagaste, norte da África, foi um dos principais filósofos do período da filosofia chamada Patrística. Filho de pais ricos, o pagão, Patrício, que se converteu antes de morrer, e da cristã Monica, canonizada mais tarde, Agostinho iniciou seus estudos aos 7 anos em Tagaste, e depois em Madaura. Um amigo de seu pai, Romaniano, ajudou-o ir a Cartago para completar os estudos superiores, estudando retórica. Não era um aluno aplicado, pois não se interessava pela língua grega e também era agredido frequentemente. Gostava de ler em sua língua materna e sua cultura se fez latina. Recusava-se a ler a Bíblia, que tanto sua mãe lhe insistia a ler, pois lhe parecia vulgar e indigna de um homem culto. Foi um diálogo de Cícero chamado *Hortensius*, um elogio à Filosofia, que despertou seu interesse pelo saber, numa busca pela verdade.

Sua busca começou no maniqueísmo, uma seita persa que ensinava a existência de dois princípios no Universo, o bem e o mal, que lutavam entre si. Sua atenção, porém, estava voltada às coisas mundanas, e nessa época, tinha uma ligação amorosa com uma mulher de classe inferior a dele, não podendo se casar de acordo com os padrões da época. Desse relacionamento, nasce seu filho Adeodato. Pouco tempo depois, seu pai falece, deixando-o responsável por duas famílias. Ele volta para Tagaste e abre uma escola, depois transfere-se de novo para Cartago, para ocupar o cargo de professor da cadeira municipal de retórica, ao qual lecionou por 10 anos. A maioria dos alunos faziam os cursos por obrigações familiares e sociais, e por conta disso, Agostinho resolve se mudar para Roma, na esperança de encontrar alunos mais tranquilos. Sua mãe temia pelo seu futuro e tentou impedir a viagem, fazendo Agostinho engana-la na hora da partida. Antes de transferir-se para Roma, leu as *Categorias* de Aristóteles na tradução latina. Esperou pela visita de Fausto, um dos chefes da seita maniqueísta, mas o encontro não foi satisfatório para Agostinho.

No entanto, ficou pouco tempo em Roma, indo então para Milão, como professor de retórica. Havia em Agostinho muitos questionamentos intelectuais e existenciais. Já tinha deixado o maniqueísmo e frequentava a Academia platônica, onde não obteve respostas

definitivas dos problemas da existência. Conheceu os discípulos de Plotino, adeptos também do platonismo, numa versão mística. O neoplatonismo era uma doutrina que parecia capaz de auxiliar a fé cristã a tomar consciência de si mesma e explicar-se racionalmente, como uma teologia, o que permitiria um grande passo na vida de Agostinho. As preocupações existenciais eram sobre a mulher amada, pois legalmente não poderiam se casar, por serem de classes sociais distintas. Sua mulher foi mandada para África e fez voto de não conhecer outro homem, e Adeodato ficou com Agostinho. Deveriam esperar dois anos para se casarem, mas para quem sentia o apelo da sensualidade era muito tempo, então Agostinho se envolveu com uma concubina.

Com essas preocupações, não conseguia encontrar a verdade e paz que tanto desejava. Sua mãe então o encontra em Milão e o anima a frequentar as pregações de Bispo Ambrósio, bispo da cidade, fazendo-o se interessar pelo cristianismo, voltando seus estudos para os neoplatônicos. Até que um dia meditando no jardim de sua casa, ele ouve um canto infantil que dizia “*Tolle, lege, tolle, lege*” (Toma e lê, toma e lê), e eis que ele abre um livro que se encontrava próximo a ele, a Epístola do Apóstolo Paulo, e o primeiro capítulo que ele abriu dizia:

“Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”. (*Bíblia*, Romanos 13,13)

Após ler essa passagem, todas as dúvidas que o inquietavam se foram. A passagem seguinte foi lida por Alípio, que estava no jardim junto de Agostinho, e a tomou para si, que dizia:

“Recebei ao fraco na fé”. (*Bíblia*, Romanos 14,1)

Então, apoiado pelas orações de sua mãe, Agostinho renuncia os prazeres físicos e converte-se ao cristianismo, sendo batizado junto de seu filho Adeodato e seu amigo Alípio, por Ambrósio. Alguns meses depois, sua mãe Mônica falece em Óstia, e pouco tempo depois também falece seu filho. Ele então volta para Tagaste e organiza uma comunidade monástica, e seu intuito era se recolher ali, e aprofundar sua vocação religiosa, o que fez por três anos, até visitar uma Igreja em Hipona, província romana da África, no ano 391, sendo proclamado

sacerdote pelo povo e ordenado padre pelo bispo Valério. Quatro anos depois é consagrado Bispo da cidade. Ali fundou uma comunidade onde estudou, ensinou e escreveu suas obras.

Durante o cerco de Hipona, pelo rei dos vândalos, Genserico, Agostinho veio a falecer, no dia 28 de agosto de 430. Foi canonizado por aclamação popular e reconhecido como Doutor da Igreja, em 1292, pelo papa Bonifácio VIII.

1.2 A obra de Agostinho

Agostinho escreveu uma vasta quantidade de obras: cerca de mais de 110 títulos, sem contar as *Cartas* (das quais se conservam mais de 200) e os *Sermões* (em torno de 390 sermões). A maior parte destas obras surgiu por causa dos problemas ou das preocupações da Igreja do seu tempo; é por isso que em suas obras estão presentes as polêmicas em que ele mesmo esteve envolvido, principalmente o Maniqueísmo, uma seita da qual ele mesmo fez parte antes da conversão, da qual defendia um dualismo cósmico - o bem contra o mal sempre em conflito um com o outro- e desvalorizavam tudo o que foi criado; os donatistas, que atribuíam a eficácia dos sacramentos somente ao ministro, negando sua ação, como sinal eficaz da graça e ainda se consideravam a "Igreja dos santos"; e também os pelagianos, que defendiam que o homem se salva por suas próprias forças, sem precisar da graça de Deus.

Pela falta de conhecimento e interesse pela língua grega, a qual tinha acesso apenas por meio de traduções, sua obra se limitou. Através do neoplatônico Plotino (204-270), por meio da tradução latina do patrístico Mário Victorino, encontrou o embasamento para desenvolver a doutrina cristã monoteísta e trinitária, conceituando filosoficamente a Trindade, multiplicando as pessoas divinas. Sua obra antecipou também o cartesianismo e a filosofia da existência. Fundou a filosofia da história e dominou todo o pensamento ocidental até o século XIII, quando deu lugar ao tomismo e à influência aristotélica.

Além destas obras destinadas a combater os adversários e inimigos da Igreja, Agostinho escreveu outras de diversos assuntos: no campo exegético (principalmente o *Comentários ao Gênesis*, *Sobre o Evangelho de São João* e o *Comentário aos Salmos*), no dogmático (*Sobre a Trindade*), no Pastoral (*Sobre a Catequese dos simples*). Mas, em meio a essas obras, duas se destacam: *A Cidade de Deus*, que representa a primeira tentativa de fazer

uma interpretação cristã da história, e *Confissões*, onde Agostinho manifesta sua fraqueza, que gera o mal, e a Deus, fonte de todo bem e Verdade absoluta.

Nos 10 anos anteriores ao episcopado (386-396) escreveu: *Contra os Acadêmicos* (*Contra academicos*), contra os céticos; *A Vida Feliz* (*De beata vita*); *Da ordem* (*De ordine*), sobre a providência divina e a educação; *Solilóquios* (*Soliloquia*), sobre Deus e a alma que fala a Deus; *A imortalidade da alma* (*De immortalitate animae*); *A grandeza da alma* (*De quantitate animae*), sobre a capacidade da alma para a virtude a contemplação de Deus; *O mestre* (*De magistro*), sobre a língua e a instrução; *O livre arbítrio* (*De libero arbitrio*), contra o determinismo maniqueísta e Deus como princípio do bem; *A música* (*De musica*), sobre o ritmo e a elevação a Deus; *Os costumes da igreja e sobre os costumes dos maniqueus* (*De moribus ecclesiae et de moribus manichaeorum*); entre outros.

Do início do episcopado são também as suas três obras mais importantes: *Confissões* (*Confessiones*, 397), autobiografia e espiritualidade, com elementos filosóficos sobre a criação e Deus; *A Trindade* (*De Trinitate*, 400-416, 15 volumes), esclarecimento sobre as pessoas divinas, à luz de elementos neoplatônicos; e *A cidade de Deus* (*De civitate Dei*, 413-426), obra mais tardia e escrita num período mais longo de tempo, sendo uma apologia do cristianismo e uma visão do Reino de Deus, em termos de teologia da história; e *Retratações*, 2 volumes (*Retractationes*, 426-427).

Através dos teólogos protestantes Lutero e Calvino, o pensamento de Agostinho voltou a ser objeto de pesquisa e hoje é um dos alicerces da teologia dialética.

2. Contexto das *Confissões*

A partir do século I, o Cristianismo começou a se propagar, graças a São Pedro e seus apóstolos, e posteriormente seus sucessores. Os seguidores do Cristianismo se concentravam nas cidades e na parte oriental do Estado Romano, e foram se expandindo para outros países, como a Índia e Pérsia. O poder político romano se sentiu ameaçado pelo Cristianismo, por causa da liberdade de consciência concedida aos seus seguidores em relação ao estado. Por isso, os cristãos foram muito perseguidos.

Agostinho nasceu em 354, sob a religião oficial do Império Romano do Ocidente, por decreto do imperador Constantino I em 313, através do Edito de Milão, que permitiu que o cristianismo fosse reconhecido oficialmente como religião e não houvesse mais perseguições. Estabelecendo assim, liberdade de religião para todos os cidadãos. Quando Agostinho foi professor em Milão em 384, São Jerônimo começa a traduzir a Bíblia para o latim, tradicionalmente conhecida como Vulgata.

No século III, o Império Romano passava por muitos conflitos, que culminariam no seu fim. Não conseguindo expandir suas fronteiras, o número de escravos e povos conquistados foram reduzidos. Sem escravo suficiente, a produção agrícola é prejudicada, mudando a realidade econômica e comprometendo a organização da estrutura social e imperial, com militares deixando seus postos. Com o Império fragilizado, os bárbaros se infiltram em Roma, fazendo com que haja evasão das cidades para os campos.

A obra *Confissões* foi escrita em 397 e, embora tenha vivido nos últimos momentos da Idade Antiga, que terminou com a queda do Império Romano, Agostinho influenciou toda a Idade Média, tendo feito parte da patrística, ou seja, a filosofia dos padres da Igreja. Por conta da desestruturação de todo o Império, muitos questionamentos sobre a base ideológica e religiosa imposta pelos patrícios foram feitos. Para os pagãos, a culpa da queda do Império se deu pela aceitação do Cristianismo e o culto aos deuses. Em oposição às heresias e o paganismo, surge a patrística, que representa a consolidação da Igreja na formulação de suas doutrinas.

Em sua obra *Confissões*, Agostinho narra a trajetória de um homem que viveu em pecado. Sua reflexão parte da inquietação sobre o conhecimento, a razão e o pensamento. Agostinho se entrega a Deus, como cita:

“Só na grandeza da Vossa misericórdia coloco toda a minha esperança. Dai-me o que me ordenais, e ordenai-me o que quiserdes”. (*Confissões*, X, 29)

Ao se confessar, Agostinho não está contando algo a Deus, pois Ele já sabe de tudo. A confissão, na verdade, expõe a sua fé e a pequenez humana perante Deus, e revela fatos que estavam guardados, e que por algum motivo, encontravam-se ocultos ao próprio sujeito. É um ato de rememoração e de autoconhecimento. A confissão escrita, no caso das *Confissões*, além de ser uma confissão a Deus e a si mesmo, há também os seus leitores. Com isso quebra-se a destinação da confissão como um ato de louvor, uma vez que os homens que estão a ler a confissão não conhecem a intimidade do confessor, como Deus a conhece, fazendo então com que as confissões comuniquem a intimidade do autor para o leitor.

Assim, as *Confissões* tanto é um louvor a Deus por parte de Agostinho, quanto uma confissão aos leitores. Nessa obra, ele revela a infinita misericórdia d’Aquele que o salvou, e assim entendia a graça divina salvadora. Fazendo-nos, portanto, refletir sobre o real sentido da vida.

Capítulo 2 – A felicidade para Agostinho

1. O conceito de felicidade Greco-cristão

Na Antiguidade, grandes filósofos dedicavam-se à filosofia como caminho que conduz à felicidade. Aliás, a ideia de felicidade sempre esteve presente na história do ser humano. Podemos traçar um histórico da evolução da ideia de felicidade através da filosofia, disciplina que sempre se dedicou a investigação e esclarecimento das nossas ideias. A felicidade, considerada a finalidade última da Filosofia, é uma das primeiras reflexões filosóficas sobre Ética elaboradas na Grécia Antiga.

Segundo Tales de Mileto, em uma referência mais antiga sobre a felicidade, feliz era "quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada" (DIÓG. L, I, 1, 37). Em grego, felicidade é definida pelo termo *eudaimonia*, que é a junção das palavras *bom* e *demônio*, uma espécie de gênio que acompanhava o ser humano. Estar feliz seria estar com uma força espiritual dos deuses, que conferia boa sorte ao homem. Essa felicidade, então, está ligada à boa sorte. Quem não tivesse esse bom demônio, seria infeliz. Essa visão pessimista da má sorte da vida humana, que deu origem inclusive às tragédias gregas, vingou entre os séculos 10 a.C e 5 a.C, até que a filosofia surgiu para orientar o homem na procura pela felicidade.

Com Sócrates (469-399 a.C), levou-se a filosofia para a formação do ser humano, voltando o homem para si mesmo e à prática do bem. O homem era concebido por Sócrates por dois compostos: a alma e o corpo. Desse pensamento, surgiram duas vertentes filosóficas: A idealista, a partir de Platão (427-347 a.C), que deu ao mundo concreto a noção de realidade contra o mundo das ideias, e a Realista, a partir de Aristóteles (384-322 a.C) discípulo de Platão que submeteu as ideias ao mundo real.

Na obra *Apologia de Sócrates*, Platão atribui a Sócrates a missão de espalhar suas ideias em todos os lugares. Através do contato direto com as pessoas, dizia que elas não deveriam se preocupar tanto com o corpo ou fortuna, mas sim com a perfeição da alma. Sócrates não deixou nenhuma obra escrita. Suas obras foram escritas e sistematizadas principalmente por Platão, seu discípulo.

1.1. A felicidade em Platão

Utilizando-se de diálogos tendo Sócrates como personagem, Platão discute o estabelecimento de um governo justo, sob a ética. Na obra *A República*, Platão imagina um modelo ideal de cidade, onde se têm justiça e felicidade entre os cidadãos. Platão considerava que todas as coisas tinham uma função, e a felicidade estava na capacidade do homem de exercer sua função. Como a função do olho é a de ver e do ouvido de ouvir, a função da alma é ser virtuosa e justa, e exercendo a virtude e justiça, obtêm-se a felicidade.

“Quando toda a cidade tiver aumentado e for bem administrada, consentir a cada classe que participe da felicidade conforme a sua natureza.”³

Platão julgava que a felicidade está relacionada à virtude, pois os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança; os infelizes são infelizes por possuírem a maldade⁴. No *Banquete*, são chamados de felizes "aqueles que possuem o que é bom e o que é belo"⁵. Possuir bondade e beleza significa também ser virtuoso. Essa tal virtude é a capacidade da alma de cumprir seu próprio dever.

Para Platão, existem dois mundos: O mundo sensível, percebível pelos cinco sentidos, e o mundo das ideias, de onde vêm a essência de todas as coisas. O que temos no mundo sensível seria ilusório, e somente encontrando o conhecimento da realidade, atingimos a felicidade. Utilizando-se da alegoria da caverna em *A República*⁶, Sócrates responde aos questionamentos de Glauco sobre a educação, comparando o mundo sensível a uma caverna iluminada por uma fogueira, onde os homens vivem acorrentados, vendo sombras de objetos se movendo, projetadas numa parede. Por trás dessa parede havia pessoas que manipulavam esses objetos, e isso era o mais próximo de realidade que os homens na caverna chegavam a conhecer. Somente liberto dessas correntes, seriam capazes de perceber a realidade de fato.

Procurando entender a verdade por trás dessas sombras, o filósofo se torna sábio e busca ajudar os outros a alcançar a verdade e sabedoria. Assim como sair das sombras da caverna para a luz é doloroso, também é para conquistar a sabedoria. Pelo conhecimento, transcende-se o mundo material ao mundo das ideias, alcançando a felicidade.

³ *A República*, Livro IV, 421 a - e

⁴ *Górgias*, 508 A

⁵ *Banquete*, 202 C

⁶ *A República*, Livro VII, 514 A

1.2. A felicidade em Plotino

A filosofia de Plotino é uma reelaboração do idealismo de Platão, e tem como princípio ensinar a seus discípulos e aos homens a se libertarem das ilusões do mundo sensível para contemplar e se unir a Deus, o Bem Absoluto. A finalidade do homem é ser igual a Deus. Este objetivo é apresentado e analisado em diversas perspectivas, e está apresentada nas *Enéadas*, organizado e publicado por Porfírio em seis grupos de nove tratados.

No tratado *Sobre a Virtude*, o segundo tratado da Iª Enéada, Plotino afirma que o objetivo principal do homem não é ser livre de todo erro, mas ser Deus. Sendo o objetivo do homem ser igual a deus, deve-se praticar as virtudes que o levam a tal posição. Através da dialética, que permite ver tudo na perspectiva certa, ilumina o caminho para a prática das virtudes. Fugindo-se do sensível para o inteligível alcança-se a felicidade. Desprendendo a alma do corpo, obtêm-se o pleno e verdadeiro conhecimento.

No Tratado *Sobre a Felicidade*, Plotino afirma que a vida feliz pode ser desfrutada ainda no mundo sensível, não só no mundo inteligível, pois a felicidade e vida se identificam. Ele conclui no Tratado que, mesmo que tenhamos nos tornado sábios, seremos afetados pelos males, e mesmo assim continuaremos a ser felizes. Por isso, devemos conviver com os males. Essa convivência com os males se dá com a prática das virtudes.

“é preciso concebê-lo sozinho, ele que é o último e também mais valioso e a quem a alma busca acolher em seu próprio seio. E o objetivo dessa busca e dessa vontade não é não estar nessa situação: pois essas coisas não são naturalmente próprias à alma ~e apenas o raciocínio~ quando elas estão presentes, as evita livrando-se delas ou as busca adicionando-as.”⁷

⁷ *Enéadas I, 4 – Sobre a Felicidade*

1.3. A felicidade em Ambrósio

Os escritos dogmáticos de Ambrósio tinham a finalidade de combater os hereges e os pagãos, e discutem sobre a divindade de Cristo, do Espírito Santo, e tratam também dos Sacramentos. Fruto de seu profundo estudo das ciências sagradas, ele foi incluso entre os quatro principais Padres da Igreja Latina e de Doutor da Igreja.

Seus Comentários exegéticos eram pregados à comunidade cristã de Milão, e recebia todos os que o procuravam para conselhos. Não escrevia seus sermões, mas eram tomadas notas por quem escutava, surgindo suas obras escritas.

“Existe também quem desfrute no momento de abundância de recursos e voe de boca em boca pela fama de liberalidade, ilustre pelas honrarias, preeminente pelos poderes, importante nos tribunais, elevado em autoridade, considerado feliz pelo povo, enquanto é escoltado pelo pregão dos aduladores; subitamente, por uma mudança nos acontecimentos, é arrastado ao mesmo cárcere em que ele próprio precipitara outras pessoas, e chora as aflições de um castigo iminente, no meio de seus antigos réus.”
(AMBRÓSIO, 3, 30)

Seus escritos possuem várias citações da Escritura. No *Examerão*, parte do sentido literal das Escrituras, fazendo deduções teológicas e morais sobre os dias da criação. Relata que Deus criou o céu e a terra e a luz. Deus criou tudo bom, e não criou o mal, que é um desvio da mente, afastamento da virtude.

“Fica atento a ti, ó pobre, porque tua alma é preciosa. Ainda que a carne seja mortal, a alma é imortal, ainda que te falte dinheiro, não te falta a graça, ainda que tua casa não seja ampla, tua propriedade não seja extensa, o céu está à tua disposição, a terra é livre.” (AMBRÓSIO, 6, 52)

Para Ambrósio, a lei natural é a vontade de Deus. Deus disse e aconteceu. Descreve também muitos animais, vendo em todos a presença da sabedoria de Deus. A semelhança do homem com Deus está na alma humana, que é espiritual, imortal. Através do pensamento, pode ir a lugares distantes, sem sair de onde está – uma figura da onipresença de Deus. O corpo humano também reflete a perfeição divina, da cabeça aos pés. A obra do mundo foi concluída na perfeição do homem, então Deus descansou, porque tinha alguém para perdoar

os pecados. Estava dessa forma representado o mistério pascal de Cristo, que descansou na cruz, redimindo a humanidade.

“Julgas precioso deitar-se em leitos de marfim e não consideras que é mais preciosa a terra, que estende para o pobre leitos de relva, nos quais é doce o repouso, é suave o sono; que aquele que se deita em leito de ouro, acordado durante toda noite, procura e não encontra. Quão feliz te julga aquele que não dorme, a ti que repousas. Além disso, o que é muito melhor, é que o justo que aqui viver na pobreza, lá terá abundância, e quem aqui suportar o sofrimento, lá terá a consolação; aquele, porém, que receber bens aqui, lá não poderá esperar a recompensa deles.” (AMBRÓSIO, 6, 52)

2. A felicidade para Agostinho de Hipona

2.1. A felicidade nas *Confissões*

Para Agostinho, a felicidade é o objetivo de todo pensar filosófico. Todas suas ideias o levam ao conceito de beatitude. A filosofia se entende como uma investigação da condição humana à busca da felicidade. Todos os homens desejam ser felizes, e tudo o que fazem os incita a este desejo. Nenhuma coisa ou pessoa pode suprir esse desejo de felicidade, e nenhuma experiência e coisa desejada, quando conquistada torna alguém plenamente feliz. A beatitude foi encontrada por Agostinho nas Sagradas Escrituras num ato de intuição e fé através das palavras do Apóstolo Paulo.

No Livro VI das *Confissões*, Agostinho nos confidencia suas ambições às honras e riquezas, e, ao passar por um bairro de Milão na companhia de amigos, encontra um mendigo bêbado, que parecia bem alegre. Então Agostinho falou aos seus amigos de suas angústias resultantes de suas ações imprudentes. Enquanto o mendigo alcançou a alegria da felicidade temporal com esmolas e embriaguez, Agostinho parecia não ter sossego, e, se a embriaguez era o motivo da felicidade do mendigo, uma hora ela passaria. Resta então saber o motivo da alegria de cada um. Agostinho discute com eles sobre o fim dos bons e dos maus e o motivo de não serem felizes ou o que mais teria para buscar em uma vida imortal.

“Se fôssemos imortais e vivêssemos num perpétuo prazer do corpo, sem temor de perdê-lo, por que não seríamos felizes? Que coisa mais seria preciso procurar? Eu não percebia que nisso consistia a minha miséria. Imerso no vício e cego como estava, não conseguia pensar no esplendor da luz e da beleza, desejáveis por si mesmas, invisíveis aos olhos do corpo e só percebidas no íntimo da alma. Na minha miséria, nem sequer considerava de onde me vinha prazer em conversar com os amigos sobre assuntos tão vergonhosos. Sem amigos, eu não podia ser feliz, nem mesmo no sentido que dava então a esta palavra, apesar da grande abundância de prazeres carnis. Eu não amava esses amigos por interesse, e também eles me amavam desinteressadamente. Oh! caminhos tortuosos! Ai do homem temerário que, afastando-se de ti, pensa encontrar algo bem melhor!”
(*Confissões*, VI, 16)

No Livro IV, Agostinho nos narra sua tristeza e depressão com a perda de um amigo, por amá-lo como se ele nunca fosse morrer. A felicidade na amizade estava em amar os amigos com senso de mortalidade que ajuda a aproveitar o momento com a pessoa que se ama. Propõe assim uma prática de amizade livre de ilusões à vulnerabilidade moral e morte física. Essa felicidade é tida com a fé no amor de Deus e na vida eterna.

“Feliz aquele que te ama, e que, por teu amor, ama o amigo e o inimigo! Somente não perde nenhum ente querido aquele para quem todos são queridos, aquele que nunca perdemos. E quem é ele senão o nosso Deus, o Deus que criou o céu e a terra e que lhes confere plenitude, pois foi plenificando-os que os fez? Somente quem te abandona pode perder-te. Mas onde irá ao abandonar-te? Para onde fugirá, senão para longe de tua bondade e para perto da tua cólera?” (*Confissões*, IV, 9)

No Livro X, Agostinho pede para que Deus o faça conhecê-lo e que molde suas virtudes para se adequar à Sua vontade. Deus sendo a Verdade, quem a pratica, alcança a luz. Ao ouvir a confissão dos males praticados por aqueles que não sofrem mais com eles, os bons são consolados para que vigiem no amor de Deus e tome consciência de sua fraqueza. Há uma busca por Deus, que se encontra na criação e além dela. Agostinho usa o verbo *transibo* (ir além) para encontrar Deus, do qual tudo se origina. O homem sendo composto de duas substâncias, corpo e alma, conhece a Deus através de seu interior com as experiências

externas e também pelos sentidos do corpo. O que dá vida ao nosso corpo é a alma, então o “ir além” vai além da alma, onde há a mente, o eu.

“Tenho à minha disposição um corpo e uma alma, o primeiro é exterior e a outra é interior. A qual dos dois deverei perguntar pelo meu Deus? Através do corpo já o procurei, desde a terra até o céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios do meu olhar. Mas a parte interior — a alma — é superior ao corpo. A ela, como a quem preside e julga, é que todos os mensageiros do corpo dirigiam as respostas do céu, da terra e de tudo o que neles existe: ‘Não somos Deus’. E ainda: ‘Foi ele quem nos criou’.”
(*Confissões*, X, 6)

Na memória estão imagens da nossa percepção sensível, ideias e experiências afetivas, encontrando nela o eu, recordando o seu ser, o que fez e como foi afetado quando o fez.

“Grande é o poder da memória, Senhor; tem algo de terrível, uma infinita e profunda complexidade. Mas isto é o espírito, isto sou eu próprio.”
(*Confissões*, X, 17).

Transibo a memória, Agostinho acredita que o que molda o que fazemos e dá um sentido a nossa vida mental e afetiva é a felicidade e a verdade. Quando os dois se unem, encontramos a alegria da verdade (*gaudium de veritate*), a presença de Deus torna-se tangível.

“Mas, por que procurar em que parte habitas, como se na memória houvesse vários compartimentos? É certo que nela habitas, pois recordo-me de ti desde o dia em que te conheci. E é aí que te encontro quando me lembro de ti.” (*Confissões*, X, 25).

Deus deixou um sinal de sua presença, que está enraizado na consciência humana, que é a alegria da verdade, acima de todas as coisas.

2.2.A felicidade em *Sobre a Vida Feliz*

Agostinho, em um retiro em Cassiciaco, na Itália, acompanhado de um grupo em que se incluía sua mãe Mônica, seu filho Adeodato e seu amigo Alípio, organizou diversas discussões entre os participantes. Deste retiro, surgiram os diálogos *Contra-Acadêmicos*, *Sobre a Vida Feliz* e *Solilóquios*.

Dedicado por Agostinho ao seu amigo Teodoro, o diálogo *Sobre A Vida Feliz*, é uma discussão sobre o que é a felicidade e como o homem pode ser feliz. Agostinho começa separando os possíveis tipos de busca da felicidade, primeiramente dizendo que as pessoas que tendem a procurar a felicidade desde cedo, são felizes por alcançá-la.

Agostinho propõe a felicidade como a posse de Deus. Somente a posse de Deus garante e produz a felicidade. A busca pela felicidade se dá pelo conhecimento de si próprio para enfim conhecer algo que está além. A vida feliz consiste no perfeito conhecimento de Deus. Por isso, a felicidade não está na posse ou deleite de qualquer bem sujeito ao acaso, mas na posse e deleite do Bem absoluto e perfeito.

"Todos esses bens sujeitos à mudança podem vir a ser perdidos. Por conseguinte, aquele que os ama e possui [receios] não pode ser feliz de modo absoluto." (*Sobre A Vida Feliz*, II, 11)

Desta forma, a vida feliz está na posse de Deus, que não é perecível às coisas mortais. Ser feliz é não passar por necessidades, e isso também é ser sábio. Tal sabedoria é a moderação do espírito, *modus animi*, a medida de equilíbrio que a alma encontra para evitar os excessos e a falta. Os próprios infelizes reconhecem que tais excessos trazem a infelicidade ao homem. Apoiado, então, à sabedoria, não há carência e infelicidade a temer, e sim um equilíbrio.

"Sem essa medida, a alma atira-se em excesso na direção dos prazeres, da ambição, do orgulho e de todas as outras paixões do mesmo gênero." (*Sobre A Vida Feliz*, IV, 33)

O homem então seria composto de corpo, a parte física, e alma, a parte transcendental. Se o corpo precisa de alimentos para se fortificar, o alimento para a alma é a sabedoria, através da fé e da comunhão. Não é só pelas coisas materiais ligadas ao corpo que

encontramos a felicidade, mas também, e principalmente, pela alma. Define-se a vida feliz no conhecimento de Deus, que não é perecível como as coisas mortais, e n'Ele está a felicidade.

"Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: — por quem somos guiados até a Verdade (o Pai); — e qual Verdade gozamos (o Filho); — e por qual vínculo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo)." (Sobre *A Vida Feliz*, IV, 35)

A felicidade está centrada no conhecimento da Verdade na interioridade da alma. Conhecimento que é posse e gozo de Deus. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em deleitar-se em Deus, a Verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável. A vida feliz sobre a terra é possível somente na esperança. Nossa perfeição moral e nossa felicidade consistem em conhecer e amar este Sumo Bem.

"Deus será propício a todo aquele que o procura. Ora, quem possui Deus favorável necessariamente será feliz. Acontece, porém, que quem está em busca ainda não possui o que deseja. Decorrerá daí que a pessoa ainda não possuidora do ambicionado será feliz". (Sobre *A Vida Feliz*, III, 20)

Não há ninguém que não tenha Deus, mas aquele que vive bem, tem a Deus como amigo, e quem vive mal, tem a Deus como alguém distante. E viver em plena felicidade não é próprio desta vida mortal; só será de fato concretizada na imortalidade.

"E quem quer que esteja à procura, sem todavia o ter encontrado ainda, não possui a Deus nem propício nem molesto. Contudo, não está sem Deus. (Sobre *a Vida Feliz*, III, 21)

3. Breve análise do conceito felicidade em Agostinho

Nas *Confissões*, Agostinho narra sua conversão como acontecimento central de sua vida. A leitura da obra *Hortensius* de Cícero aos 18 anos de idade foi o que despertou nele o gosto da busca pelo saber, uma influência divina. Foi a mesma obra que utilizou com seus alunos em Cassiciaco. O pensamento de Cícero era de que todos os homens buscam a felicidade e que a filosofia é um caminho na busca da verdade. A leitura de Cícero o levou a ler as Sagradas Escrituras, até deparar-se com a Epístola de Paulo.

A felicidade é a alegria que provém da verdade. E a alegria nasce de Deus, que é a própria Verdade. Muitos gostam de enganar, mas ninguém gosta de ser enganado. Como não querem ser enganados, também amam a verdade; e não a amariam se não tivessem na memória uma noção dela. E talvez por amarem tanto a verdade, onde tudo de diferente que amam querem que seja verdade e não admitindo o engano, também não querem admitir o seu próprio erro. Assim, detestam a verdade por amarem o que tomam por verdade. Como não querem ser enganados, mas enganar, eles a amam quando ela se mostra, e a odeiam quando ela os acusa. Porém, ela os castiga: enquanto os homens não conseguem esconder-se da verdade, essa lhe continua oculta. E apesar da infelicidade, prefere encontrar alegrias no seu erro que na verdade.

Então Agostinho buscou a verdade, e a encontrou em Deus. Ele é a verdade absoluta. O homem vive bem ao seguir a Deus, que é pleno, imutável e está acima de tudo. Agostinho não acreditava ser possível obter a felicidade no mundo onde se vive cercado de sofrimento e angústias. A beatitude, a felicidade plena, só seria alcançada junto a Deus, diante da sua verdade. Deus criou o homem, do qual a verdade já se encontra nele, e é revelado pela sua busca, completando sua instabilidade. A plenitude da alma está em sermos guiados até Deus e alcançar a Verdade, e será feliz quando se alegrar somente na Verdade, a origem de tudo o que é verdadeiro, estando livre de perturbações. Quem vive bem, aquele que faz a vontade de Deus, O têm, e quem vive mal, possui Deus, como todos, mas distante d'Ele.

Para ser feliz, nada pode faltar, e estando no mundo, o homem deve querer alcançar a Deus, assumindo uma falta. Somente após a morte, a verdade é enfim alcançada. Há no homem um desejo natural de voltar-se para Deus. No estado de carência de Deus em que o homem está, ele procura suprir essa carência através das coisas físicas, o que leva o homem a

se afastar de Deus. Através da esperança e da fé é possível se aproximar da felicidade. Para que a mente humana, mutável e sujeita a falhas, alcance essa verdade absoluta, é através da interioridade, da iluminação divina. Pois a ideia de conhecer algo supõe um conhecimento prévio, e esse conhecimento não é através da linguagem, o signo linguístico, pois as palavras variam de uma língua para outra, não tendo um valor cognitivo mais profundo. Essa interioridade é possível graças a iluminação divina. Todo homem possui uma centelha divina, pois o mesmo foi criado à imagem e semelhança de Deus.

As concepções de Agostinho da natureza humana e de iluminação divina foram fundamentais para a consolidação da Igreja na Idade Média e a cristianização da Europa ocidental, assim como sua concepção de que a Igreja era um caminho para a cidade de Deus.

Em *Cidade de Deus*, Agostinho diz:

“Entre as pessoas verdadeiramente religiosas é ponto assente que sem a verdadeira piedade, isto é, sem o verdadeiro culto do verdadeiro Deus, ninguém poderá possuir a verdadeira virtude e que a virtude não é verdadeira quando se põe ao serviço da glória humana — todavia os que não são cidadãos da Cidade Eterna, chamada pelas Sagradas Escrituras a Cidade de Deus, são mais úteis à cidade da Terra, quando possuem mesmo uma tal virtude, do que quando nem essa possuem.” (*Cidade de Deus*, V, 19)

E ainda completa:

“Mas aqueles que, dotados de verdadeira piedade, levam uma vida impoluta, se possuem a ciência de governar os povos, — nada há de mais feliz para as empresas humanas do que se por misericórdia divina detêm o poder. Mas tais homens, por maiores que sejam as virtudes que possam ter nesta vida, atribuem-nas unicamente à graça de Deus que as concedeu aos seus desejos, à sua fé, às suas orações — e ao mesmo tempo, compreendem quanto lhes falta para chegarem à perfeição da justiça, tal como ela é na sociedade dos santos Anjos na qual se esforçam por entrar. E, por muito que louve e apregoe a virtude que, privada da verdadeira piedade, se põe ao serviço da glória humana, de forma nenhuma ela se poderá comparar aos débeis começos dos santos, cuja esperança está firmada na graça e na misericórdia do verdadeiro Deus.” (*Cidade de Deus*, V, 19)

A virtude na vida presente é um meio para a finalidade do outro mundo. No ensino moral de Agostinho, as virtudes morais não se separam das virtudes teológicas. Sem uma fé em Deus, não se tem amor verdadeiro a Ele. Ainda que os que não sigam essa premissa façam uma boa ação, não o ajudará a atingir a felicidade suprema, apenas que sua punição seja mais amena.

Considerações Finais

Felicidade é um tema que se tem visto com frequência nos filmes, novelas, nas redes sociais. Por isso, pode parecer simples falar da felicidade, até mesmo por ser um termo que pode ser explicado de diversas formas, com diversos significados, o que acaba fazendo com que passe por um processo de simplificação, tornando o termo felicidade mais fácil de ser processado pela sociedade. Tendo assim uma felicidade mais simplificada e óbvia.

Se perguntarmos o que é a felicidade para as pessoas, cada uma responderia de uma forma diferente, pois ela é singular para cada uma delas. Há, no entanto, uma ideia de felicidade que é compartilhada pelo senso comum, que é ter saúde, dinheiro, um bom emprego, amor, etc. Estando a felicidade tão popular e importante, é quase ignorância não a desejar.

Ao longo da história, muitos autores e filósofos se empenharam a investigar sobre o que é a felicidade, e até hoje não conseguiram chegar num consenso. O filósofo Comte-Sponville e o historiador D. McMahon sugerem que o motivo de tanto se falar em felicidade é porque o homem contemporâneo não é feliz. Quanto mais se fala da felicidade, menos a tem.

Para entender se o homem contemporâneo é feliz, além de investigar a felicidade em si, também é necessário investigar a contemporaneidade. Com as mudanças sociais ao longo do tempo, a felicidade também mudou de formas, pela influência da organização social e do trabalho.

Jeremy Bentham acredita que a felicidade é uma questão de meritocracia. Todos são iguais e estão em uma sociedade onde todos tem a mesma oportunidade. Cabe a cada pessoa seguir as regras que o Estado as dá para aumentar seus prazeres e diminuir os sofrimentos. O trabalho pode não ser prazeroso, mas o salário recebido pelo trabalho e também o status social que o mesmo confere, permite viver os prazeres.

Agostinho, nascido no ano de 354, já se preocupava com questões que nos fazemos até os dias de hoje. Inclusive com o tema discutido neste trabalho, a felicidade. O que nos motiva a acordar todos os dias? O que nos move a viver? Qual o sentido de viver? Em suas discussões ao longo de seu amadurecimento intelectual, Agostinho procurou respostas para tudo isso, e decidiu que para que o homem viva uma vida feliz, ele não deve se ater aos bens

materiais, como o dinheiro, e todas as coisas perecíveis, e sim viver na verdade de Deus e da vida eterna. Porém, não se alcança plenamente a felicidade na vida mortal, apenas chega perto dela, através da esperança da vida eterna.

Desta maneira, pode-se então considerar a felicidade um termo aberto a diversas interpretações, um conjunto de conceitos. Sendo a felicidade um termo complexo e difícil de determinar, A felicidade, dependendo do aspecto ao qual ela é analisada, individual ou coletiva. Para que haja, pelo menos, uma análise mais aprofundada do tema felicidade, precisaremos comparar suas diferentes definições ao longo da história e quanto à compreensão do indivíduo e do mundo ao qual ele vive.

Referências

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Volume I. Tradução: J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

_____. *Confissões*. Coleção Patrística 10. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante; São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Solilóquios ; A vida feliz*. – A Vida Feliz. Coleção Patrística 11. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.

AMBRÓSIO. *Examerão*. Coleção Patrística 26. São Paulo: Paulus, 2009.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Coleção Mestres Pensadores. Tradução: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Escala, n/d.

_____. *A República*. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Górgias ou A Oratória*. Tradução: Prof. Jaime Bruna. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, n/d.

_____. *O Banquete*. Diálogos. São Paulo: Abril Cultura, 1972.

SECUNDÁRIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. 1ª edição: Alfredo Bossi; revisão: Ivone Castilho Benedetti. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARACAT JÚNIOR, José Carlos. *Plotino, Enéadas I, II e III - Porfírio, Vida de Plotino*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo: Universidade Federal de Campinas, 2006.

BÍBLIA DO HOMEM. Tradução de Omar de Sousa. São Paulo: Geográfica Editora, 2009.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia ocidental*. Volume II: Filosofia Medieval. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

McGRADE, A.S. *Filosofia Medieval*. Tradução: André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

PILETTI, C. ; PILETTI N. *Filosofia e História da Educação*. São Paulo: Ática, 1988.

SEWAYBRICKER, L.E. *A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a Modernidade Líquida*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, Edvaldo Ribeiro de. *Virtude e felicidade nos Tratados 19 e 46 de Plotino*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2016.